

## Amar É Pensar, ou Afinal Para Que Serve Ter Um Amaral Dias?

---

**Luís Sousa Ribeiro**

*E sapei que, conforme o amor tiverdes,  
Tereis o entendimento dos meus versos*  
Luís de Camões,  
Enquanto quis Fortuna que Tivesse

Gostaria de, em jeito de preâmbulo, apresentar uma breve sinopse do filme de Spike Jonze *Queres ser John Malkovich*, o qual, como muitas das coisas interessantes que se vão fazendo e passando, não parece ter suscitado qualquer interesse por parte da comunidade psi.

Percebe-se (?) porquê; este grupo de indivíduos sofisticados e sérios, tão desejoso de protagonismo quanto esquecido do dizer do velho Segismundo acerca do eu como escravo de três Mestres, terá dificuldade em interessar-se por um filme sobre marionetes cujo título cheira a culto de fãs, angustiantes sinais de afânise, nem sequer murados e garantidos por um título claro como *Da Vida das Marionetes*, ou por um autor bastamente reconhecido como Ingmar Bergman. Caso o fosse, o caso seria outro, embora o objecto em análise fosse, em meu entender, bastante inferior – senão mesmo muito desinteressante. Mas tratava-se tão só de um título desinteressante, realizado por alguém que até aí apenas poderia ser conhecido como

praticante de BMX, editor de revistas situadas nos antípodas da cultura séria, quero dizer de publicações oriundas da cultura juvenil urbana/alienada/rasca, como *Freestylin* ou *Dirt*, ou ainda como realizador de documentários sobre skateboard, anúncios e vídeoclips.

A sequência inaugural mostra uma marionete/simulacrum do seu autor/titeriteiro, Craig Schwartz (John Cusack). O personagem, refiro-me à marioneta, demonstra sinais de ansiedade, move-se sem rumo; de repente, vê-se reflectida num espelho e não gosta do que vê, parte o espelho, repara que é movida por Craig e lança-se num tantrum de desespero, que constitui uma exibição de grande virtuosismo do seu demiurgo. Entretanto, a câmara focou Craig, o qual se encontra totalmente embevecido pela sua criação. Esta cena termina devido à irrupção de uma fala, 'Craig, amor, está na hora de te vires deitar', e continua com 'Craig, amor, está na hora de te levatares', o que, desde logo, lança a questão de marionetes de marionetes, com a mais valia de a primeira fala pertencer à mulher de Craig, Lotte Schwartz, e a segunda a uma arara, que é um dos muitos animais que povoam o lar da família Schwartz.

Descanse o leitor sério desta nóvela comemorativa, que o filme não envereda pela teia rizomática deleuziana de corpos sem órgãos e se mantém num nível muito mais sóbrio, estritamente kleiniano, como se pode observar quando John Malkovich entra para dentro de John Malkovich e se encontra num mundo em que todos os seres são John Malkovich.

Adiante; Lotte é uma extraordinária Cameron Diaz extremamente maternal, sexualmente nula, completamente devotada à infecção da iguana, à úlcera e à psicoterapia do chimpanzé, e que regoziza com as palavras que a arara vai aprendendo. Mas esta mulher submissa quer ter um filho e, assim, o titeriteiro Craig é levado a levantar-se e a procurar emprego. Encontra-o na Lester Corp, empresa que solicitara um homem com mãos ágeis – isto é o que se segue faria as delícias de um Donald Meltzer, mas, mesmo assim, não foi o suficiente para interessar os Psi.

A Lester Corp fica situada num piso intermédio, de baixíssimo pé, o piso 7 do Edifício Mertin-Flemmer. Para nele entrar, é preciso encravar o elevador entre os 7º e 8º andares e, com a ajuda de um pé de cabra, forçar a porta, o que faz disparar um estridente sinal de alarme. Claro que aí dentro é o mundo da sexualidade infantil perversa-e-polimorfa que se abre – sobre tal o filme não deixa dúvidas.

Craig – que tinha começado o dia ouvindo Emily Dickinson, *Como*

*é enfadonho ser alguém./É tão notório como ser um sapo., e comentara para com o chimpanzé Elijah 'Não sabes a sorte que tens em ser um macaco...É que a consciência é uma terrível maldição...Eu penso, sinto, sofro' – é recebido por Floris. Ela é uma recepcionista Doutorada em Disfiasias, à primeira vista totalmente disfásica, o que aproveita para, através de uma série de lapsos de cariz sexual, insinuar-se e intimidar Craig, ao mesmo tempo que controla o velho Dr Lester que representa um personagem infantil-dependente de um objecto excitante tantalizador (à la Fairbairn), e por ele manipulado. Quando Craig faz notar a Lester que este não possui nenhum problema de fala, Lester responde-lhe 'A graxa leva-te longe, rapaz [...] Desculpa se não entenderes uma palavra do que eu digo – Mas entendo perfeitamente – És muito amável em me mentir. Tenho-me sentido muito só na minha isolada torre de discurso indecifrável'.*

Craig fica com o emprego e assiste a um vídeo de formação que apresenta a história do Edifício Mertin-Flemmer, a qual é uma anedota de negação e formação-reactiva. Aí conhece Maxine (Catherine Kerner), uma mulher hiper-sexual e narcísica, o oposto de Lotte, por quem, desde logo, fica subjugado – uma vez mais, o equívoco marionete/titeriteiro, dado que, através da sua auto-colocação como mulher-objecto, Maxine pode manipular o comportamento do objecto.

No decorrer das suas tarefas de arquivista, Craig descobre um pequeno túnel, cuja natureza anal é atestada pela presença de um líquido viscoso aparentemente orgânico. Esse túnel introduz quem lá passa no interior da cabeça de John Malkovich. Enquanto Craig se interroga acerca de questões em torno da essência do eu, Maxine percebe logo que este pode ser um meio de enriquecimento. Decidem, então, formar a J.M. Inc e vender aos vencidos e infelizes a experiência de encarnarem, durante quinze minutos, num ser admirado e desejado.

Porque à frente isto vai ser importante, devo realçar que, desde logo, John Malkovich é representado como ente inteiramente determinado pela projecção dos demais, os quais, na realidade, nada sabem dele nem do seu trabalho (incluindo Craig que o descreve a Maxine como um dos mais importantes actores americanos do séc. XX, mas tal como já fizera o taxista, o referencia a partir de um filme em que nunca participou).

De modo a me poder aproximar do objectivo deste texto, que não é o de produzir um comentário ao filme, preciso de abreviar, provavelmente para além do desejável, a exposição do material fílmico. Coloquemos, então, a questão: Para que serve ser John Malkovich? À

primeira vista, serve para tudo menos para se ser John Malkovich!

Com efeito, serve para inúmeras pessoas encarnarem, durante um certo período de tempo, um ser ideal. Serve para Craig e Maxine montarem um negócio. Serve para Lotte descobrir a sua natureza transsexual. A partir do primeiro momento em que entra em John Malkovich, Lotte sente-se sexy, sente e gosta da sensação de ser desejada por uma mulher e percebe que não quer ter um filho, mas sim fazer um filho. Serve para Maxine realizar a sua feminilidade, abdicando da sua sensualidade fálica. Este é um processo mais longo e que necessita de uma exposição mais demorada. John Malkovich não se interessa por Maxine, senão quando possuído por Lotte ou por Craig, ambos por ela apaixonados. Maxine só se interessa por John Malkovich, por o saber possuído por outrém e se excitar por ser desejada, simultaneamente por duas pessoas (ainda o ideal do narcísico), mas através do conjunto de peripécias que formam a história do filme. O restabelecimento do narcisismo de Maxine permite-lhe ser mãe e, na cena final, ela mostra-se realmente materna e próxima da filha que tivera de John Malkovich/Lotte, por cuja essência masculina se apaixonara. Ser John Malkovich serve para Craig, exímio marionetista, se apoderar completamente do seu corpo, imagem e estatuto e se poder tornar no mais importante artista vivo, podendo finalmente fazer triunfar a sua arte. Serve para que o Dr Lester – que afinal era o Capitão Fermin, o construtor do edifício e o descobridor do túnel que, há várias gerações, ía utilizando para prolongar a sua infeliz existência através de novos corpos dos quais Lester era apenas o último – continuar a sua negação onnipotente do real e controlar a sua incapacidade de separação, a sua dependência infantil, fazendo-se, a cada possessão, acompanhar dos amigos que em cada encarnação fizera. Etc.

Mas, para se ser alguém, não parece servir. Assim, logo que despossuído por Craig, que cai no bluff de Lester de que mataria Maxine grávida da criança que pensava ser sua, John Malkovich é possuído imediatamente por Lester e o seu gang de amigos, terminando o filme irremediavelmente alienado de si-mesmo.

Apenas mais duas observações. A primeira, a de que a aceitação ou não da natureza incompleta do ser humano, de que a castração enquanto diferenciação sexual é a pedra de toque, tal como da separação, do solipsismo, da finitude e da dependência, bem como das angústias que lhe são associadas, determinam, neste mesmo filme, o *klinamen* das trajectórias individuais. E aqui é já nítido, se não o tiver já sido em tudo aquilo que anteriormente expus, o eco do ensinamento

de Amaral Dias, tal como o tenho apreendido e perlaborado, e nos aproximamos perigosamente da questão *Para Que Serve Ter Um Amaral Dias?* Tão perigosamente, como quando, na sequência em que Lotte e Maxine travam uma cena de ódio como só os apaixonados podem fazer (os vínculos positivos covariam e reforçam-se mutuamente, tal como os negativos, donde  $L^+ H^+$ ), uma corrida desenfreada que as faz penetrar no subconsciente de John Malkovich, que assim é exposto, permitindo-nos assistir aos tormentos constituintes desse ser ideal. Assim, John Malkovich paralisado ao assistir à relação sexual dos seus pais; John Malkovich em jovem a ser gozado pelos rapazes no balneário por ter uma pila pequena '*John Bichóvich*'; John Malkovich em adulto a cheirar cuecas de mulher (osmolagnia?), e a ser rejeitado por ser muito feio; John Malkovich em criança a ser gozado na camioneta para a escola por fazer xi-xi pelas pernas abaixo '*John Malk-ó-Mijão, Mijou de novo p'ró chão*'. Em suma, John Malkovich exposto em tudo aquilo que habitualmente envergonha e denigre, sem que tal belisque a simpatia ou o apreço pela pessoa, pelo personagem ou pelo actor e realizador John Malkovich.



Foi com grande honra e satisfação que recebi o *in-feliz* convite para participar neste volume comemorativo da obra de Carlos Amaral Dias.

Satisfação e honra, por ser considerado digno de opinar sobre a obra de um maior, bem como de ombrear com os restantes e excelsos participantes. Satisfação e honra, não só por ser narcísico, mas também por esta ser a forma adequada de reconhecimento de uma genealogia, a que aspiro e me julgo de direito. Que ser chamado a prestar o presente testemunho é para mim motivo de satisfação e honra, não é demais repeti-lo; mas que possa honrar a obra do home-nageado é o meu sincero e maior desejo.

*In-feliz* convite por ter sido chamado a prestar testemunho, enquanto discípulo do autor, encargo que constitui sempre um difícil e sensível desafio para ambas as partes, por às duas solicitar um desnudamento inabitual e difícil de sopesar. *In-feliz* convite, por, no que a este tema respeita, em 1993 eu ter escrito em *O Koan de Sílvio* o melhor que ainda penso ter para dizer a seu propósito. Como re-apresentá-lo, poupando o leitor ao enfado da repetição acresce à dificuldade que sinto.

Mas como se pode ler nesse venerável monumento que tem por

título *Bhagavad Gita*, apenas mais um cujo conhecimento devo por pura sincronicidade a Amaral Dias – com efeito encontrei-o num momento em que por ele aguardava numa das estantes da sua biblioteca que sempre manteve completamente acessível a quem o visitava – aquele que age tendo em vista as consequências da sua acção comporta-se, mesmo, e sobretudo, quando persegue fins elevados e puros, como o comerciante que age sempre, tendo em vista o lucro da sua acção.

É nessa disciplina de acção recta, procurando agir independentemente das consequências da acção, das recompensas, dos castigos e das incompreensões, que Krishna, oitavo avatar de Vishnu, disfarçado de cocheiro, procura instruir Arjuna, o de grandes braços, o guerreiro modelo. Nela consiste a via do iogue, aquele que procura a união aceitando um fardo, um vínculo que o reforce na sua busca até que esta já não seja busca e muito menos a sua (etimologicamente a palavra refere-se à canga que une os bois), mas apenas a manifestação dinâmica de uma essência, princípio ou propósito. (Tenho consciência das dificuldades em que me estou a enredar, utilizando termos a-históricos ante uma assembleia terinada e identificada num modelo psico-genético, mas ousou pedir um pouco de complacência, já que dizê-lo de outro modo seria muito menos económico – bem como reduziria o valor económico do que digo; é entre a cegueira da emoção sem conceito e a vacuidade do conceito sem emoção, que desejo localizar-me e, animado pela esperança que esta tão ilustre referência a um dos expoentes do racionalismo, permitir-me-ei avançar sem outras justificações).

Continuo a pensar que a função essencial do Mestre, e o sinal distintivo do seu carácter necessariamente oblativo, seja a de libertar o Discípulo da própria projecção, da fantasia, através da qual, instantânea e simultaneamente, este institui o mestre e si-mesmo enquanto discípulo, devolvendo-o continuamente à impermanência; a uma impessoalidade que potencie a obtenção do *para além e aquém de*, quer dizer do Outro-em-Si, daquilo ou daquele que ainda não obteve direito de cidadania no espírito do Discípulo.

Daquilo que Bion (1963, 1965, 1967, 1970), obviamente utilizando um referencial igualmente oriental, referiu como *At-One-Ment*, uma transformação em  $\emptyset$ , só possível através da libertação da memória, do desejo e da compreensão, essa tripla grilheta do ser que funda a ilusão pesada e sufocante de que morrem todos os eus graves e cheios de si, ao atolá-los na fixidez thanática da mesmidade. Esta liberta-

ção é igualmente necessária ao advento do outro-do-outro, tal como requer uma prática clínica que almeje a consecução do outro do paciente, daquele que não padece senão daquilo que é mister padecer-mos enquanto humanos.

Mas nada disto em mim significa uma adesão ou atribuição de superioridade, um fascínio pelo exotismo de uma tradição alheia; apenas, como já referi, a aceitação de uma adequada propriedade resultante de uma longa prática que, nesse distante, foi sendo desenvolvida. Basta referir o diálogo entre Sir Jaques de Molay e Baphomet, na obra homónima de Pierre Klossowski (1965), para que de um outro modo se observe idêntico sentido, no interior da nossa cultura.

### AMAR É PENSAR

*E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela. /.../ Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.* (Alberto Caeiro, *Passei Toda a Noite*. p. 100). E, se alguma dúvida persistisse, uma outra vez a voz do poeta já quase com a mesma elevação o afirmara: *Transforma-se o amador na cousa amada, / Por virtude do muito imaginar.* (Luís de Camões, *Transforma-se o amador na cousa amada*).

Foi realmente assim que conheci Carlos Amaral Dias; através do título de uma entrevista ao jornal *Expresso*, a qual se encontra reproduzida em *Falas Públicas do Inconsciente* (Dias 2000), embora sem referência da data. Será hoje muito difícil exprimir a comoção que então senti, a alegria do sentimento de não estar só, porque hoje, depois de Coutinhos e Damásios isto ('A emoção, por exemplo, é em si própria uma actividade cognitiva'; idem: 335.), sem o qual quase nada faz sentido na clínica, na psicopatologia, e na vida-sonho característica do bicho homem, já se pode dizer sem ferir as susceptibilidades – na altura era um escândalo (sobretudo no interior do campo Psi, lugar aonde tende a manter o mesmo estatuto de aborto). E é possível que não seja eu o mais indicado para disto falar, por com isto tanto ter sofrido; talvez afinal apenas por limitações pessoais, por falta de uma extraordinária e clarividente capacidade de sentir que sempre me fazia interessar por pensar e conhecer; talvez por excesso dessa douta capacidade de conhecimento auto-referido (o sentir, como nesse tão famoso e estafado dizer: *Eu sinto que...*, com que se *começa/encerra* tanta discussão clínica - coisa que ainda hoje, dado o meu mau feito, me faz logo fugir a sete pés partilhando da mesma absolu-

ta ausência de necessidade de justificação) que, ilusoriamente, está bem de se ver, me fazia crer tratar-se de algo tão banal, que não chegava bem a perceber como ganhava idoneidade.

E nada disto era/é uma insurgência contra o sentir, mas a recolocação de velhas questões, de um modo que, para mim, era, desde logo, inovador, criativo e profíquo. Sentir como pensar e dizer implica uma centração relacional e di(pluri)alógica, na abordagem dos fenómenos psicológicos; a pessoa sente-se conforme se diz e diz do mundo, ao mesmo tempo que este é aquilo, a propósito do qual e através do qual, ela se pronuncia e é pronunciada. Isto, através de categorias inexoravelmente determinadas pela sua inscrição, no interior de uma rede de contingências e aconteceres relacionais e culturais, longe, portanto, de qualquer determinação essencialista, a-histórica, mesmo que freudiana.

E, embora Amaral Dias tenha, durante muito tempo, dedicado grande parte do seu labor teórico-clínico ao desenvolvimento disto que acabo de apresentar, de um modo tão sintético quanto expositivamente insatisfatório, penso que as suas raízes estavam já plenamente assentes aquando daquela entrevista, a saber. i) A psicanálise como uma teoria radical do pensamento. ii) O pensamento como transformação simbólica; no seio da relação continente/conteúdo via função a. iii) A doença mental como ataque à capacidade de simbolizar, donde na psicose, como condição paradigmática, ser evidente o ataque à consciência, ao significado e ao mundo/alteridade, enquanto componentes e derivados da instanciação interrelacional desse compósito sentir/dizer/pensar/fantasiar comumente referido como *alpha-dream-work* ou *o pensamento que alcança*. iv) A clínica enquanto modalidade particular, lugar e tempo de exercício em máxima intensidade, do anterior.

De igual modo, embora a obra de Amaral Dias tenha desenvolvido tudo isto e muito, muitíssimo, mais no seio de uma elaboração teórica cuja elevação e complexidade o situam nesse espaço elevado e rarefeito onde habitam os verdadeiros criadores, sempre o fez no seio e no cadinho da prática clínica. A aderência, imediata mas profunda, simples mas tão luminosa, sintética e económica – preenhe de uma sempre surpreendente capacidade de detecção do mais recôndito, bem como uma verdadeira capacidade de apoio e apreço do singular e genuíno da comunicação do paciente, em total respeito pela sua natureza de filigrana – fazem com que o único e mais derradeiro dos insultos, porque o mais imerecido, seja o de se pretender encerrar as

contribuições de Amaral Dias num claustro de indecidibilidade e incomunicabilidade solipsista.

Se há em Amaral Dias algo que sempre me surpreendeu, foi a sua extraordinária capacidade empática de discernimento e comunicação útil com os pacientes. Isto nunca é demais de sublinhar, até porque extravasa do âmbito clínico e percorre a sua capacidade de comunicação noutros contextos mais públicos, como o pedagógico, ou aparentemente menos propícios, como o psiquiátrico e o mediático, a nenhum dos quais menosprezou e onde, em todos, sempre se manifestou de um modo muito generoso, criativo e complexo, mas eficaz, marcante e co-municativo, por não minorizar, mas, pelo contrário, valorizar, buscar e proteger o melhor do seu interlocutor. Porque se algo caracterizou sempre o modo como Amaral Dias se apresenta e relaciona com os demais, tal me pareceu sempre advir de uma profunda convicção e segurança, não só nas suas capacidades, mas, e tão ou mais importante, de uma profunda convicção e segurança nas capacidades dos demais.

É esta profunda convicção que faz com que cada encontro com Amaral Dias seja sempre uma oportunidade de aprendizagem e festa, uma ocasião de comunicação genuína e revigorante. É esta convicção profunda e genuína que constitui o único fundamento sólido e eficaz da atitude generosa e democrática, com que sempre apresentou e transmitiu o seu saber, sem necessidade de facilitismos e cedências que encerram sempre um paternalismo altivo, senão mesmo um carácter mesquinho. É esta mesma convicção que permite dar sem contabilizar e, e muito mais importante, discernir que o mais precioso que há a dar e partilhar, é essa mesma capacidade de co-construção, esse pensar que é amar e que é todo e o maior amor que pode caber na relação com outrém; ou seja, é esta profunda e genuína convicção que faz de Amaral Dias um Mestre.



Tendo já dito o essencial, devo agora libertar o texto do seu carácter crítico, do seu fechamento de um entre dois que se entendem por, há muito, se acompanharem.

E porque o maior tributo devido a um autor é lê-lo e dá-lo a ler, e a maior confiança numa obra o deixá-la falar por si mesma, sem ruídos de comentador, calar-me-ei como melhor modo de proparlar a sua sapiente musicalidade.

Carlos Amaral Dias, *Amar É Pensar*:

O bebé projecta no interior da mãe sensações, emoções básicas que não é ainda capaz de organizar por si. A função da mãe consiste em transformar essas emoções e devolvê-las ao bebé numa linguagem que ele possa entender. A linguagem que a mãe usa nesta comunicação privilegiada é a linguagem do som e do gesto; quando a mãe fala com o seu bebé, quando mexe nele, quando brinca com ele. O que a mãe devolve ao bebé são pensamentos de bebé – são os pensamentos do bebé. /.../ A boa mãe é a que comunica poeticamente com o seu bebé. A este nível a comunicação ou é poética ou não há comunicação. O que há de mais básico em toda a comunicação é a faculdade de sentir. Sentir é uma forma de pensar em todas as fases da evolução do pensamento. E é a possibilidade de integrar os aspectos tanáticos e de os organizar em experiências interiores positivas, que dá sentido à comunicação (idem: 336)

Repare, a psicose é um ataque frontal à capacidade de simbolizar, à capacidade de criar distância entre o mundo interior e o mundo exterior, à capacidade para representar o mundo interior. /.../ Compreender a loucura é compreender o humano, é compreender de que forma se é humano, de que forma se organiza uma relação com a vida interior. A loucura interroga o homem naquilo que nele há de mais profundo, de mais fundamental. /.../ A loucura põe ao vivo o mais básico de todos os problemas: o que é, ao certo, ser-se humano. (idem: 337).

Resta ainda saber o que é que quer dizer estar com, porque uma coisa é 'habitar' com o louco, outra é deixar-se habitar pelo louco. /.../ O amor é a forma mais profunda de compreender o outro. Quando se ama, o outro está dentro de nós. E está de tal modo dentro de nós, que nos dirigimos a ele dentro de nós mesmos. É o amor que está na base de toda a organização do pensamento. Não tenho, hoje em dia, a menor dúvida a esse respeito. Ora, todo o problema da compreensão da loucura começa precisamente aí: ser ou não ser capaz de amar o que há de amável no louco, para além dos aspectos terríficos, de morte, de destruição, projectados sobre o exterior através desse processo de 'viver' que é a psicose. [...] Poder viver neste estado de não-experiência e não se deixar invadir por ele, e continuar a experienciar-se a si próprio, é por aí que passa obrigatoriamente todo o processo de compreensão da loucura (idem: 340).

Mas o que é seguramente verdade é que todo o sofrimento psí-

quico vem da incompreensão do que se passa no interior de cada um. Do ponto de vista psicológico, estar doente é não compreender alguma coisa. E quanto mais básico é aquilo que não se compreende, mais básico é o que adocece. O que adocece na loucura é provavelmente o que de mais fundamental existe no homem, que é o pensar. Aquilo que é transformado em cognoscível, pelo indivíduo, supõe de facto a existência de uma relação privilegiada, em que a função do outro é transformar uma coisa em algo de conhecível por esse indivíduo; é dar-lhe, sob uma forma que ele possa conhecer, qualquer coisa que lhe era até aí inteiramente exterior. É nisso que essa relação é privilegiada: facultar ao outro a possibilidade de ele conhecer, de ele pensar. (p.341).

O amor subverte a morte, em primeiro lugar, porque subverte o concreto. O amor é aquilo que se opõe à coisificação. [...]. Eu diria que o amor é sempre simbólico. /.../ Tal como o pensamento. É por isso que o amor é sempre um pensamento. Eu diria que o amor é o pensamento (p.341).

Por isso é que só foi pouca a poesia que li desde a adolescência. É na poesia que melhor se vê como sentir é pensar, como o afecto é uma forma primordial do pensamento. A poesia transforma coisas em afectos, transforma coisas em pensamentos, tal como a mãe em relação ao seu bebé (p.342).

E para que seja possível avaliar o contínuo desenvolvimento destas ideias e sua relevância para a prática clínica.

Carlos Amaral Dias, *Da Interpretação Psicanalítica*:

*8 – O lugar aonde o subjectivo permaneceu subjectivo, como lugar do encontro etéreo, gera emocionalidades e entendimentos. Mas nem sempre a cumplicidade é cúmplice com K, sendo a maior das vezes aversiva de O.*

*Por aí, a cumplicidade é homóloga e não recorrente, nem transgradiente ou transgressiva.*

*A questão imanente ao facto relevante, isto é, aquele que é digno de investigação psicanalítica, é a dimensão heteróloga daquele, como revelador/disjuntor de conjunção constante e a fortiori do padrão emocional.*

*9 – Se regressarmos, porém, à problemática nodal que nos prende, dessubjectivação/subjectivação do acto hermenêutico, como sapiência sobre a impressão emocional ou o fundo anedótico do facto*

*histórico, rapidamente percebemos que a transformação em facto objectivo, evoca o caminho que vai da emoção ao pensamento e do histórico à historicidade.*(idem:..12).

11 – Por isso, a actividade analítica, sem interpretação, é vazia de si mesma. Ou seja, a hipotetização do nome, sem ser submetida ao crivo da relação transfero-contratransferencial, ao ficar tão só como acto hipotético, fecha e encerra o processo analítico na conjuntura empática, quando só a disjunção objectivada no nome é promotora de mudança catastrófica.

12 – Por isso, se o silêncio é de ouro em Ps (dispersão-paciência na atenção flutuante), em D ele anuncia quase sempre o opróbio à transformação de O ou em O.

E mesmo a intolerância à verdade, partilhada sob o modo do nome, contém sempre um nome partilhável, e, por isso, objectivável.(idem:..14).

E para quem ainda duvide que *amar seja pensar* e que a empatia seja algo etéreo e não objectivável, um excerto de um pequeno poema onde, como em nenhum outro texto que tenha conhecimento, de modo apodíctico se demonstra, pela capacidade de apreender a singularidade do objecto em análise, pela hipotipose para utilizar uma expressão com maior propriedade, a profunda capacidade empática do autor;

Carlos Amaral Dias, *Ali Babá. Droga: Uma Neurose Diabólica do Século Vinte:*

Ave-Maria, Ave-Maria  
Tira-me daqui  
Prometo não voltar a chutar  
Se não na próxima  
Arrependo-me de tudo  
Mas recomeço sempre igual  
Ave-Maria, Ave-Maria  
O que é aquilo no tecto  
Se sair desta  
Só um caldinho até à próxima  
Mas agora juro que é de vez  
Garanto que é de vez  
Mas depois, deixa Maria  
Voltar a experimentar

Só mais uma vez.  
 P'ra sempre última  
 P'ra sempre primeira  
 P'ra sempre, sempre  
 Uma só vez (idem: 78).



E aqui chegado, uma vez mais tenho a sensação de nem à obra, nem ao autor ter senão beliscado. Espero, pelo menos, ter sido claro acerca do elevado apreço em que ambos tenho; mas, e correndo o risco de me desmentir, uma vez mais, o indisível, ou pelo menos a minha fraca capacidade expositiva, me pregaram uma bela partida – mas este jogo entre o desejo e aquilo que de entre o real se torna realidade (discursiva ou conceptualizável, entenda-se), é dos mais gratos jogos que se podem travar. E neste ordálio do azar nunca o Mestre me falhou.

Terá, é certo, falhado a todos aqueles que dele se pretendiam apropriar, mas a sua natureza fragosa, valha-nos Deus, sempre o colocou aquém ou além da projecção identificativa e imobilizadora. É nesta justa e incomensurável medida que o apreço e que o tenho enquanto objecto gerador de divergências e bifurcações de mim próprio, quero dizer como alicerce da minha própria deriva evolutiva.

É também nisto, no seu carácter sempre imprevisível e por vezes dificilmente apreciável, que a natureza de Mestre se revela; como, e desculpai-me ó Mestre a citação Winnicottiana, algo que um pouco mais além da ilusão transicional se coloca como irritação inspiradora, um pouco aquém do conforto, mas muito além da quietude thanática, ou seja, como fonte de inspiração sem exigência de identificação.

Por tudo isto vos agradeço e continuarei, disso estou certo, a agradecer; e se a alguém estas minhas palavras apaixonadas incomodarem, permitir-me-ei uma última citação, uma lembrança do primeiro parágrafo de *O Mal-Estar na Civilização* (Freud 1929):

É impossível fugir à impressão de que as pessoas comumente empregam falsos padrões de avaliação — isto é, de que buscam poder, sucesso e riqueza para elas mesmas e os admiram nos outros, subestimando tudo aquilo que verdadeiramente tem valor na vida. No entanto, ao formular qualquer juízo geral desse tipo, corremos o risco de esquecer quão variados são o mundo humano e sua vida

mental. Existem certos homens que não contam com a admiração de seus contemporâneos, embora a grandeza deles repouse em atributos e realizações completamente estranhos aos objectivos e aos ideais da multidão. Facilmente, poder-se-ia ficar inclinado a supor que, no final das contas, apenas uma minoria aprecia esses grandes homens, ao passo que a maioria pouco se importa com eles. Contudo, devido não só às discrepâncias existentes entre os pensamentos das pessoas e as suas ações, como também à diversidade de seus impulsos plenos de desejo, as coisas provavelmente não são tão simples assim.

E assim, com as minhas desculpas pelo brasileirismo e com os meus protestos ante o novo acordo ortográfico, me despeço e recomendo este meu Carlos Amaral Dias que, tal como o sujeito do primeiro parágrafo deste texto, serve para tudo menos para se ser Carlos Amaral Dias.

Que dele usem e abusem é o meu mais sincero desejo.

**Palavras-chave:** incompletude humana, mestre/discípulo, amar é pensar, singularidade, alteridade na unicidade.

## REFERÊNCIAS

### *Bhagavad Guita*

1999 Lisboa: Ed. Estampa.

Bion, W. R.

2004 [1963] *Elementos de Psicanálise*. Rio de Janeiro, Imago.

1997 [1963] 'The Grid' in *Taming Wild Thoughts*. Londres: Karnac Books.

1982 [1965] *Transformation: Passage de l'Apprentissage à la Croissance*. Paris: Presses Universitaires de France.

1990 [1967] *Notas Sobre Memória e Desejo*. In *Melanie Klein Hoje*. Editado por Elizabeth Bott Spillius. Vol. 2. Rio de Janeiro: Imago.

1991 [1970] *A Atenção e Interpretação: O Acesso Científico à Intuição em Psicanálise e Grupos*. Rio de Janeiro: Imago.

- Caeiro, A.  
1963 [1930] *Poemas de Alberto Caeiro*. Lisboa: Ed. Ática.
- Camões, L. V.  
2003 *Poesia Lírica*. Lisboa, Ed. D. Quixote.
- Dias, C. Amaral  
1991 *Ali Babá Droga: Uma Neurose Diabólica do Século Vinte*. Lisboa: Escher.
- 2000 'Amar é Pensar' in *Falas Públicas do Inconsciente*. Coimbra: Quarteto.
- 2001 *Da Interpretação Psicanalítica*. Lisboa: Analytica.
- Freud, S.  
1929 *O Mal-Estar na Civilização*. In Edição Electrónica Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud.
- Klossowski, P.  
1986 [1965] *O Baphomet*. São Paulo: Ed. Max Limonad.
- Ribeiro, L. Sousa  
1994 'O Koan de Sílvio' in *Antigos e Novos Ensaio de Gnoseologia Predatória*. Lisboa: Fenda.

Amar É Pensar, ou Afinal Para Que Serve Ter Um Amara Dias?

To Love is to Think, or After All What Good is Having an Amara Dias?

## Sumário

## Summary

O autor reflecte, entre iconofilia e iconoclastia, acerca da natureza da relação Mestre/ Discípulo. Desta forma, ilustra as vicissitudes desta relação, através de uma sinopse do filme de S. Jonze, *Queres Ser John Malkovich?*, e as suas virtualidades através de excertos, para si mesmo especialmente significativos, da obra de Amara Dias. O objectivo é fornecer ao leitor um fio de Ariana, tão pessoalmente impessoal quanto possível, acerca de uma questão tão íntima que toca o solipsismo, embora creia desejável, nestes como noutros assuntos, evitar o emudecimento apofático e aporético. O autor recorre, ainda, à tradição sânscrita, embora assinala que estes tópicos lhe não são exclusivos, reaparecendo na cultura ocidental e em datas bem mais próximas.

The author reflects, between iconophily and iconoclasy, on the nature of the relationship between Master/Disciple. That way, he illustrates the vicissitudes of that relationship, through a synopsis of S. Jonze's movie *Being John Malkovich*, and its virtualities, through excerpts especially significant to the author himself, of the work of Amara Dias. The purpose is to provide the reader with an Arianna's thread, as personally impersonal as possible, about a question so intimate that it touches the solipsism, while the author believes it is desirable, in this subject as well as in others, to avoid the apophatic and aporetic silencing. The author resorts, also, to the Sanskrit tradition, although he signals that those topics are not exclusive, reappearing in the western culture and in much more recent dates.